

Um processo silencioso, quase imperceptível

por Carlos Cardoso

21/1/85

Ao pensar no que foi 1984, para nós moçambicanos, vem-me à memória algo de outrora. Recordo-me do conforto psicológico com que aceitávamos, correctamente, a verdade simples de que a FRELIMO e centenas de milhares de moçambicanos deram um salto gigantesco em frente precisamente porque o colonialismo português sempre se recusara a aceitar que Moçambique fosse independente.

Logo após a independência olhámos o passado e compreendíamos com muita facilidade essa verdade do passado: quanto mais o colonialismo aumentava a sua agressão mais os moçambicanos cresciam na sua capacidade de defesa até que, a partir de certa altura, a defesa deu lugar a ofensivas simultâneas em várias frentes.

Logo após o fim da guerra na Rodésia também víamos isso com facilidade: a Rodésia descarregou sobre nós a sua máquina militar e política e assim Ian Smith nos fez crescer. Os moçambicanos saíam mais sólidos e as próprias ruínas à sua volta eram a memória, para muitos séculos, da sua grandeza conquistada.

Depois da guerra é sempre fácil compreender essa verdade, é fácil ter-se esse rigor histórico e fazer desse rigor a lucidez diária, necessária à reconstrução. Mas enquanto se está metido na guerra é muito difícil ver para além das ruínas e do horror que a guerra provoca. E muitos de nós, em 1984, não vimos.

Nkomati, a Declaração de 3 de Outubro, o aumento da produção agri-

cola nalgumas áreas do país, as acções de terror, e a seca, e as cheias, tudo isso constitui matéria para os cabeçalhos dos jornais. Mas o mais importante é o processo silencioso, quase imperceptível, que se vai desenvolvendo sem que os homens se apercebam dele.

E foi isso que vi em 1984 e a que, nos momentos em que o desânimo me procurava estrangular nos seus

A um dos jornalistas moçambicanos que em 1984 mais trabalhos publicou na nossa imprensa sobre o processo político na África Austral e em particular, sobre Moçambique, pedimos-lhe as suas impressões sobre o que foi 1984. Esse jornalista, Carlos Cardoso, director da AIM. Eis o seu depoimento.

tido de que era preciso passar à ofensiva em várias frentes simultaneamente. Em 1983 deram-se os primeiros resultados: uma média de 8 a 10 combóios diariamente na linha Beira-Machi-

significativo do número de forças locais, a movimentação nacional para o IV Congresso — iniciada em 82 —, a quebra do isolamento da RPM no Ocidente.

Em 84 o processo continuou, e de tal modo, que os bandidos foram obrigados a passar a uma movimentação de puro terrorismo.

Hoje quantos milicianos há já no país? A pergunta requer uma resposta em números para se estudar a dimensão real desse processo silencioso. Mas, por agora, basta-me o sabor de ironia que ela contém.

Vejamos. A África do Sul e as outras forças que compõem a conspiração internacional contra a RPM tentaram tudo para provocarem uma situação interna em que a Frelimo recorresse a medidas dilatorias, e em torno deste objectivo lançaram a sua propaganda: «o povo moçambicano está descontente», «o povo não quer mais guerra e aceita uma negociação com o MNR», etc.

Mas, coisa interessante e aparentemente paradoxal, a este povo que está efectivamente farto de bichas e de todas as outras dificuldades do dia-a-dia, dá o seu governo armas. E, coisa ainda mais interessante, esse mesmo povo vira as armas contra os bandidos. Portanto o que é que se passa? Ou o governo enlouqueceu, ou

o povo também enlouqueceu, ou então há um povo que sabe perfeitamente que a tal «negociação» seria uma outra maneira de pronunciar «colonização».

E foi isto que aconteceu em 84, no seguimento dos dois anos anteriores, 1984 foi sem dúvida o ano mais difícil depois da independência, particularmente em termos económicos mas também no aumento da corrupção e de acções claras de incompetência dirigida, ano em que a agressão continua de muitos anos trouxe à consciência de todos a dimensão do que havia sido destruído. Mes 84 foi também, e precisamente devido à continuação da agressão, um ano em que se consolidou em extensas zonas do país a organização da defesa popular com tudo que isso tem de potencialmente radicalizante em termos políticos, económicos, sociais e de ligação entre Direcção e Povo.

É ainda, em termos globais, um processo de defesa, gravemente dificultado por algumas forças internas a quem interessa, sobremaneira, os lucros que a instabilidade lhes dá. Mas todos os processos tendem a reproduzir-se e chegará o dia em que, se não for solucionado o problema pelos actuais esforços militares e diplomáticos, o Comité Central do Partido terá a difícil tarefa de definir onde termina a defesa e começa o ataque.

Em 1978, soldados das FPLM entraram na Rodésia ao lado dos ZANLA. Mas isso foi apenas um facto, alicerçado num processo prolongado, nomeadamente, no convite que Ian Smith lhes fizera.



CARLOS CARDOSO

braços, eu apelei para que a resistência à agressão não se esvaísse.

O processo a que me refiro começou em 1982 com a tomada de consciência por parte do Comité Central do Par-

panda, a destruição de acampamentos importantes dos bandidos em Inhambane, Gaza, Zambézia e noutras províncias, o reinício da comercialização agrícola nalgumas zonas, o aumento